

IV SEMANA DE HISTÓRIA

ESCRITA DA(NA) HISTÓRIA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

CADERNO DE RESUMOS

26 a 28 de outubro de 2016

Realização: Universidade Federal de Rondônia, câmpus de Rolim de Moura
Departamento Acadêmico do Curso de História

IV SEMANA DE HISTÓRIA: Escrita da(na) História: Perspectivas Historiográficas – Caderno de Programação e Resumos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA. *IV Semana de História: Escrita da(na) História: Perspectivas Historiográficas* – Caderno de Resumos. Rolim de Moura: Universidade Federal de Rondônia/Campus Rolim de Moura, 2016.

Organizadores do caderno de resumos: Bruno Eduardo Sant'Ana Silva; Rodrigo Tavares Godoi.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr. Maurício Silva de Souza

Graduação em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1998)
Mestrado em Políticas Públicas pela University of Sheffield / Inglaterra (2004)
Especialista em Economia da Mudança Climática na University of Cambridge (Inglaterra)
Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Dr. Rodrigo Tavares Godoi

Graduação em História pela Faculdade de Estudos Sociais de Barra do Garças – FESB/UNIVAR
Especialização em História: Brasil, Regional e Local pela Universidade Federal de Goiás – UFG
Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG

Maill Emmanuel de Lima Freitas

Graduação em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2015)

Dr^a. Cynthia Cristina de Moraes Mota

Graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994)
Mestrado em História pela mesma universidade (2000)
Doutorado em História Social pela USP (2008)

Me. Roseline Mezacasa

Graduação em História Licenciatura – UFGD
Especialista em Educação do Campo, Agricultura Familiar e Sustentabilidade – UFGD
Mestrado em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - Área de concentração História Indígena

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004)
Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (2007)
Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2014)

Dr^a. Adriane Pesovento

Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999)
Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2004)
Doutorado em Educação pela UFMT (2014)

Dr^a. Gilmara Yoshihara Franco

Graduação em História pela Universidade Católica Dom Bosco (1998)
Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (2007)
Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2014)

Bruno Eduardo Sant'Ana Silva

Graduação em Direito pela Universidade Federal de Rondônia (2016)

MONITORIA

Admilson Bokart

Marcelo Lemes

Kelvis Pereira

Sara Mena Jacobsen

Eliane Teodoro

Micaelly Jotaene

Michele Jandre

Ricardo Gomes

Valdeir Júnior

Josiane Araújo

Caren Cristina Godoi

Gislaine Oliveira

Thaiane Jotaene

Vanessa Barborsa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
PROGRAMAÇÃO GERAL.....	6
MESAS-REDONDA.....	7
MINICURSOS.....	9
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS.....	11
COMUNICAÇÕES EM SIMPÓSIOS TEMÁTICOS.....	15
PÔSTERES E PAINÉIS.....	35

APRESENTAÇÃO

A IV Semana de História “Escrita da(na) História: perspectivas historiográficas”, terá como principal objetivo congrega as atividades de ensino, pesquisa e extensão entre os professores do Departamento de História do Campus Rolim de Moura e dialogar com profissionais de nosso Câmpus e de outras instituições. Também, apreciar pesquisas desenvolvidas por graduandos e pós-graduandos da instituição e de outras. Nesta edição em especial, nosso intuito será o de apreciar os modos como lidamos com as fontes e como elas estão dispostas na historiografia.

Neste sentido, apreciar as diferentes perspectivas historiográficas no campo teórico e metodológico da história. Aproximar discussões pertinentes ao conceito de tempo e temporalidade nas suas relações simétricas e assimétricas; tratar das sincronias e diacronias na historiografia. Nosso objetivo permeará para novas perspectivas historiográficas que redundam velhos problemas. Deste modo, esta quarta edição de nosso evento buscará compreender princípios historiográficas que ultrapassam as perspectivas periodizantes da história centradas em princípios que tratam das consequências como se fossem lógicas e imediatamente vinculadas a eventos sequenciais orientados pela determinação cronológica.

Assim, nosso intuito será reunir pesquisadores que colocam em discussão o uso das fontes e da periodização por testar suas limitações ou validades. O debate das fontes demonstrará perspectivas distintas em relação ao conceito de história na prática historiográfica. Assim, a discussão estará firmada sob os critérios da periodização e da estrutura imediata. Recolocar em discussão os laços que a história mantém com a filosofia, psicanálise, antropologia e arqueologia é de extrema importância. Sendo uma prerrogativa que envolve o caráter empírico e teórico, a relação com as fontes demonstrará os caminhos existentes nas perspectivas historiográficas.

Nesta edição da Semana de história optamos por agregar, diretamente aos debates, a dialética inaugural da reflexão e crítica à periodização. Recolocar a inovações no trato e lida com as fontes nas perspectivas historiográficas por estabelecer os critérios conectivos, dispensando a determinação necessária da cronologia, evidenciando a antiguidade clássica nos atuais debates da teoria e história da historiografia. O evento será dividido em: duas conferências (abertura e encerramento), três mesas-redonda, apresentação de pôsteres e painéis, simpósios temáticos, minicursos, evento cultural, lançamento de livros e sessão da comissão organizadora. O interesse é o de reunir os mais variados modos e perspectivas historiográficas para que historiadores e não historiadores debatam as categorias tempo e temporalidade internamente a interpretação das fontes e de sua periodização.

PROGRAMAÇÃO GERAL

Horários	26/10	27/10	28/10
7h - 10h	<p>CRENCIAMENTO</p> <p>Local: Sala Departamento de História</p>	<p>MESA-REDONDA 1</p> <p>A(s) mídia(s) como fonte para a pesquisa histórica: perspectivas analíticas e debates historiográficos <i>Dr.ª. Adriane Pesovento (UNIR)</i> <i>Dr.ª. Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)</i></p> <p>Local: Auditório Biblioteca UNIR</p>	<p>SIMPÓSIOS TEMÁTICOS</p> <p>Local: Salas de Aula</p>
10h15 - 12h15	<p>CRENCIAMENTO</p> <p>Local: Sala Departamento de História</p>	<p>MESA-REDONDA 2</p> <p>História e testemunho: contribuições da história da historiografia e da teoria da história <i>Dr. Eduardo Gusmão de Quadro (UEG UnU Cidade de Goiás/ PUC-GO)</i> <i>Dr. Rodrigo Tavares Godoi (UNIR)</i></p> <p>Local: Auditório Biblioteca UNIR</p>	<p>PÔSTERES E PAINÉIS</p> <p>Local: Espaço de convivência</p>
12h15 - 13h	<p>ALMOÇO</p>	<p>REUNIÃO COMISSÃO ORGANIZADORA</p>	<p>REUNIÃO COMISSÃO ORGANIZADORA</p>
13h - 16h	<p>CRENCIAMENTO</p> <p>Local: Sala Departamento de História</p>	<p>MINICURSOS Local: Salas de Aula</p>	<p>MINICURSOS Local: Salas de Aula</p>
16h15 - 18h15		<p>SIMPÓSIOS TEMÁTICOS Local: Salas de Aula</p>	<p>EVENTO CULTURAL</p>
19h - 23h	<p>CONFERÊNCIA DE ABERTURA:</p> <p>Historiografia e fontes religiosas <i>Dr. Eduardo Gusmão de Quadro (UEG UnU Cidade de Goiás / PUC-GO)</i></p> <p>Local: Auditório CEEJA e Coffee break</p>	<p>MESA-REDONDA 3</p> <p>Escrever história na(da) antiguidade clássica: a relação com as fontes <i>Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)</i> <i>Dr.ª. Cynthia Moraes Mota (UNIR)</i></p> <p>Local: Auditório Biblioteca UNIR</p> <p>LANÇAMENTO DE LIVROS Local: Auditório Biblioteca UNIR</p>	<p>CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO:</p> <p>Escrita, memória e história Dr. Jacyntho Lins Brandão(UFMG)</p> <p>Local: Auditório CEEJA</p>

MESAS-REDONDA

MESA-REDONDA 1

A(s) mídia(s) como fonte para a pesquisa histórica: perspectivas analíticas e debates historiográficos

Dr.^a Adriane Pesovento (UNIR)
Dr.^a Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)
Dr. Valdir Aparecido de Souza (UNIR)

Resumo: O objetivo da proposta é debater os diversos meios de comunicação – imprensa escrita, rádio, televisão e redes sociais – enquanto fonte para a pesquisa histórica. Nesse sentido, tendo em vista as diversas possibilidades teórico-metodológicas que as mídias apresentam ao historiador, bem como o crescente volume de trabalhos que se utilizam destas fontes, a proposta de mesa-redonda que ora apresentamos discute, a partir das pesquisas realizadas pelos seus integrantes e da literatura que versa sobre o tema, as formas e perspectivas pelas quais o historiador pode se servir dos diversos meios de comunicação para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, particularmente no que tange as temáticas relacionadas à história social e às culturas políticas no Brasil.

MESA-REDONDA 2

História e testemunho: contribuições da história da historiografia e teoria da história

Dr. Eduardo Gusmão de Quadro (UEG UnU Cidade de Goiás/ PUC-GO)
Dr. Rodrigo Tavares Godoi (UNIR)

Resumo: A finalidade para esta mesa-redonda será a de discutir a dinâmica entre história e testemunho sob as condições do escrito e do oral. Para este fim, aplica-se o debate inerente ao que se tem na história da historiografia e na teoria da história desde o *Linguistic Turn*. A entrada ao problema através do conceito de Giro Linguístico se deve aos debates estruturalistas e pós-estruturalistas, de cunho hermenêutico, que envolve a tradição alemã e francesa. Deste modo, nossas discussões basear-se-ão nos problemas narrativos da história vinculados a estética e a retórica nos testemunhos, material empírico, presentes na narrativa como forma comunicativa de conteúdo. A ideia de testemunho deve ser concebida como informações da experiência do passado. Para recorrer as discussões de Paul Ricoeur (1994) e Reinhart Koselleck (2006), os testemunhos do tempo nos aproximam de mudanças temporais que precisam implementar a dinâmica entre texto e contexto. Esta discussão não orienta-se propriamente para a pesquisa histórica, mas para as formas. Lidar com ideias de história contidas na historiografia prescinde da relação com o material histórico e com os procedimentos formais. Mesmo assim, não é possível apreender a experiência do passado como passado em si e nem da certeza de verdade pela plausibilidade teórica.

Nestes termos, justifica-se nossa intenção em abordar os testemunhos por princípios estéticos e retóricos concebendo elementos ficcionais para a história. Então, o testemunho e a história estarão para responder questões quanto as características literárias e artísticas da história, de um lado, bem como de sua garantia de cientificidade, de outro. Como conjugar duas vertentes que parecem serem estranhas uma a outra? Nossa mesa-redonda apresentará indícios de plausibilidade conjugada por pensar o testemunho a partir de suas manifestações condicionais (oral e escrita) por temáticas como memória e narrativa.

MESA-REDONDA 3

Escrever história na(da) antiguidade clássica: a relação com as fontes

Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Dr.^a. Cynthia Moraes Mota (UNIR)

Resumo: A finalidade desta proposta designa-se à abordagem dos principais historiadores da Antiguidade Clássica. Mesmo tratando de nomes como Tucídides, Políbio e Heródoto, também daremos atenção para historiadores menos estudados pela tradição historiográfica, como: Diodoro de Sicília e Luciano de Samostata. Estes, não são reconhecidos por parte da tradição historiográfica porque são considerados menores. Essa leitura é característica devido a ideia de história e sua relação com as fontes da própria Antiguidade Clássica. Em relação aos três historiadores já citados como importantes, percebe-se que a abordagem historiográfica constituía-se mediante a autópsia. No caso dos dois citados como menores, essa designação decorre do modo como escreveram história. São historiadores que basearam suas pesquisas em bibliotecas ou fontes indiretas. Como esta perspectiva historiográfica pode apresentar-se no atual debate sobre fontes? Neste sentido, nossas discussões terão como base demonstrar a atualidade de sua abordagem histórica que, em sua época, não era creditada como trabalho de historiador.

MINICURSOS

MINICURSO 1

Doutor Miguel Vieira Ferreira: história abolicionista e republicana

*Fernanda Nicolau Nogueira Barbosa Nunes
(SEDUC / AIHRL Dr. Miguel Vieira Ferreira e Dr. Israel Vieira Ferreira)*

Resumo: O DOUTOR MIGUEL VIEIRA FERREIRA destacou-se na História do Brasil por feitos inovadores e altruístas com ideias muito além do seu tempo e constitui sua vida um exemplo de que muito pode ser feito pelo Brasil mesmo diante de grandes adversidades. Além disso, compreende-se que, um povo que desconhece sua história, é um povo sem passado, um povo sem cultura. Assim, a oferta deste minicurso sobre a vida deste Eminentíssimo Brasileiro: Abolicionista, Republicano, Escritor, Militar e Educador, em semana tão especial para aqueles que se propõe a ensinar ou conhecer história, é de grande importância pois traz aliada a si, um vasto conhecimento da história do Brasil implicitamente ligada à formação do cidadão atuante na sociedade como elemento crítico e edificador tão necessário aos dias atuais. Em vários municípios do Estado de Rondônia, inclusive em Rolim de Moura, existem logradouros públicos com o nome do Doutor Miguel Vieira Ferreira, fato este que aponta um importante rumo de pesquisa para compreensão da historiografia de um Maranhense tão viva e tão presente neste Estado tão longínquo do Maranhão.

MINICURSO 2

Amazônia negra: historiografia, fontes e possibilidades de pesquisas (séculos XVIII e XIX)

Dr. Santiago Silva de Andrade (UNIR)

Resumo: O minicurso pretende abordar os processos históricos que condicionaram a presença negra na Amazônia, especialmente durante os séculos XVIII e XIX. Ao contrário do que o senso comum ainda advoga, a experiência da escravidão africana foi uma variável importante na ordenação da trajetória histórica da formação societária amazônica, e marcou profundamente tanto a sua cultura material e imaterial, quanto as formas de trabalho e de organização social que ali se desenvolveram. A percepção de que a história da Amazônia apartou-se da história da África é resultado, em parte, dos esforços de uma historiografia centrada em elaborar modelos explicativos voltados para a compreensão das economias clássicas do nordeste açucareiro e do sudeste mineiro-cafeeiro, dependentes da mão-de-obra escravizada africana; à Amazônia foi associada a predominância do uso do trabalho indígena, forçado ou não, eclipsando a presença do trabalho escravo africano. A proposta deste curso é promover, junto aos seus participantes, algumas reflexões acerca dos diversos aspectos relacionados à escravidão negra na Amazônia, estimulando discussões que abarquem uma visão mais atualizada da historicidade do eixo

África-Amazônia-Portugal entre os séculos XVIII e XIX. Para tal, recorreremos à historiografia nacional e internacional dos últimos vinte anos, que tem reexaminado, de maneira mais criteriosa, não só os impactos da articulação do espaço amazônico às redes atlânticas de tráfico de cativos, mas também as modalidades internas de organização do trabalho escravo, as redes de solidariedade entre africanos escravizados, índios e homens livres pobres, e as formas de resistência e acomodação, substancializadas principalmente – mas não apenas – na formação de quilombos. Por fim, apontaremos para potenciais caminhos de pesquisa e investigação, representados pelas diversas séries documentais relacionadas ao tema, como inventários post-mortem, imprensa, relatórios de viajantes, listas de matrículas de escravos, dentre outras.

MINICURSO 3

O poema de Gilgámesh: formação e transmissão

Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

Resumo: O minicurso abordará as origens e a transmissão da matéria de Gilgámesh na Antiguidade, com ênfase na versão babilônica clássica do poema, composta em acádio, no século XIII-XII a. C., pelo escriba Sin-léqi-unninni. Esse texto recebeu uma nova edição crítica, por Andrew George, publicada pela Universidade de Oxford em 2003, e foi traduzido por mim (tradução no prelo, pela Editora Autêntica).

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2

Escrita da(na) história e culturas políticas na "fronteira oeste" do Brasil: memórias, migrações, identidades e reordenamentos espaciais

Dr.^a Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)
Me. João Maurício Gomes Neto (UNIR/UNESP)

Resumo: O presente Simpósio Temático tem por objetivo congrega parte dos trabalhos que envolvam discussões concernentes aos regimes de escrita da história sobre a chamada "fronteira oeste do Brasil", notadamente no séc. XX. Propõe-se, nesse sentido, a pensar aspectos relacionados a construção e ocupação de tal espacialidade, dita, escrita e percebida como fronteira; os processos migratórios e a constituição de identidades nela observadas. Trata-se, por um lado, de buscar compreender como as ações empreendidas pelos governos, a fim de estimular a migração para a espacialidade em questão, contribuíram para (re)dimensioná-la geopoliticamente; e por outro, de investigar como este processo de reordenamento suscitou disputas de ordem política, econômica e social entre sujeitos diversos, no processo de formação de identidades e nas sociabilidades ensejadas nas áreas que foram territorializadas. Buscar-se-á debater, ainda, representações construídas a respeito dessa espacialidade e dimensões que envolvem o extermínio e a sistemática exclusão imposta aos povos indígenas e às populações tradicionais que compunham as comunidades existentes no que era verbalizado como "espaço vazio", de forma a perceber como tem sido realizada a inscrição da experiência dessas populações pela/na historiografia. Assim, interessa ao Simpósio a discussão de trabalhos que versem a respeito: da história da historiografia que aborda a dita "expansão para oeste"; da problematização de produções artísticas (literatura, música, fotografia, pintura, arquitetura, escultura, audiovisual, entre outras) e memorialísticas, que buscam construir (discursos de origem ou (re)fundação), apresentar e representar um novo território; dos imaginários construídos a respeito da espacialidade "amazonense" nesse percurso; das disputas por representação, das relações de poder e a emergência de projetos identitários nos processos migratórios, vinculados geralmente, a ideia de "desenvolvimento", "ordem" e "progresso". Pesquisas com fontes orais, sonoras (músicas), audiovisuais (propagandas, jingles, filmes, documentários), periódicas (jornais, revistas, boletins informativos) e memórias publicadas são de grande potencial na identificação desses imaginários e para compreender formas de contar, de narrar a história dessas experiências, bem como de perceber a emergência de culturas políticas vinculadas a determinados projetos e expectativas sociais frequentemente reatualizadas.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3

A memória, a história: reflexões sobre as metodologias

Dr. Eduardo Gusmão de Quadro (UEG UnU Cidade de Goiás / PUC-GO)
Dr. Rodrigo Tavares Godoi (UNIR)

Resumo: Debater em torno da relação entre história e memória não é uma atividade nova. Os historiadores, na medida que lidam com metodologias, refazem as discussões quanto aos lugares de cada uma, seja para delimitação das suas diferenças ou para demonstrar a indiferença em relação essas delimitações. A polissemia dos termos nos tratos dados pelos historiadores alargam os pontos de vista quanto a esta temática. Assim, discutir o que fazem os historiadores quando lidam diretamente com a problemática entre história e memória, atesta a evidenciação de seus traços metodológicos orientados por concepções teóricas sejam elas sugeridas por áreas de proximidade, seja pela historiografia ou pela própria teoria da história. As influências para se pensar o universo de possibilidades é vasto e fecundo. Deste modo, o objetivo desta proposta é o de reunir pesquisadores nas diferentes etapas da pesquisa que dedicam tematizar a dinâmica entre história e memória sob seus aspectos reflexivos, críticos e pragmáticos. Inclui nestes aspectos as questões pertinentes ao pensamento epistemológico, hermenêutico e dialético. Estes na tentativa de recolocar no centro as pressões temporais que significam as categorias: passado, tempo e contexto. A dinâmica entre história e memória, mesmo não sendo nova entre os historiadores, é atualmente representada por inovações no campo das metodologias, no trato com o material histórico (fontes) e das próprias bases teóricas que sustentam perspectivas preservando critérios de confiabilidade e pertinência para o pesquisador. Neste intuito, esperamos agregar os mais variados trabalhos para a contribuição dessa temática nos atuais debates e campos de pesquisa.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 4

Cidades e os mundos do trabalho na fronteira oeste: trabalhadores, mobilidades e capitalismo

Dr. Santiago Silva de Andrade (UNIR)
Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano (UNIR)

Resumo: Este Simpósio pretende congrega pesquisas – concluídas e/ou andamento – que abordem, de forma múltipla, diversos aspectos dos processos que compuseram a formação histórica da fronteira oeste brasileira, desde meados do século XIX até os dias de hoje. Levando em consideração as especificidades de tal região, entendida aqui como um território geográfico cujos conteúdos, limites e significados foram dados pela agência dos atores singulares e coletivos, e que estes, por sua vez, operaram dentro de uma totalidade histórica estruturada e contraditória, propõe-se que as comunicações tratem de temas como experiências da classe trabalhadora (escravizada ou "livre"), dinâmicas (i)migratórias, aspectos da vida urbana e rural, estruturas fundiárias, formação de cidades e processos ocupacionais, etc. Serão aceitas, ainda, investigações que tenham como foco as articulações históricas entre gênero, classe e etnia,

manifestas nos mundos do trabalho sob as mais variadas formas. Tal proposta ancora-se nos significativos avanços apresentados pela História do Trabalho nos últimos anos, efetivados principalmente nas formulações de Marcel Van Der Linden - e a sua "Global Labor History" - mas também nas reflexões da Dale Tomich, Peter Ridiker e Peter Linebaugh, cujo valor heurístico, em seu conjunto, reside justamente na redefinição e ampliação de um conceito central às sociedades humanas e às ciências sociais no último século e meio: o de classe trabalhadora.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 5

História e natureza

Dr. Maurício Silva de Souza (UNIR)

Resumo: A Natureza apresenta, inserida em seu cerne, elementos que compõem a gênese de construção da História. É na natureza, e através dela, que o desenvolvimento do homem como ser social é escrito. O registro da História é feito a partir de apontamentos, invadidos por relações dialéticas, onde o meio ambiente sofre e induz transformações. Tais registros são captados pelo ser humano, através de espectros e ferramentas, conceituais e empíricas, que formatam os anais da vida humana. Dessa forma, esse mapeamento, realizado de forma hipotética, reflexiva e empírica, historiam as mudanças no comportamento humano. As formas de utilização das fontes naturais, refletem, definem e criam índices de desenvolvimento aferidos de formas diferentes. Tais formas são definidas por aspectos e valores determinados pelo tempo e espaço. O momento e o lugar submetem a natureza às diferentes escalas de valores. Todavia, essas escalas valorativas, construídas a partir do contexto histórico, também são submetidas pela natureza. Portanto, homem e natureza são agentes e sujeitos, submetidos e insubordinados, servos e libertos do processo Historiográfico. O clima, as pragas, o uso da terra, a produção de alimentos, os minérios, as hidrovias, a domesticação dos animais e plantas e os usos dos recursos naturais como energia são, todos eles, elementos das transformações da e na história. É a natureza transformando o trabalho e sendo transformado por ele. Assim, esse Simpósio temático objetiva destacar os fatores naturais como determinantes da escrita da (na) história, reunindo discussões que coloquem a natureza como elemento crucial da perspectiva historiográfica.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 7

Profissão professor: os desafios da docência na atualidade

Dério Garcia Bresciani (UNIR)
Fabício Ricardo Lopes (UNIR)
Luciana Coladine Bernardo Gregianini (UNIR)
Patrícia Ferreira Miranda (UNIR)

Resumo: A proposta do Simpósio Temático Profissão Professor: desafios da docência na atualidade

pretende fomentar a reflexão e discussão sobre a prática pedagógica como um exercício para qualificar os processos educativos e corroborar o caráter intencional da ação docente. Serão também discutidos aspectos pertinentes à construção do conhecimento para a docência no lócus da licenciatura, face aos desafios comumente enfrentados pelo professor no âmbito da educação básica. Dessa forma, considera-se como objetivo principal a reflexão conjunta, partindo-se da premissa que o ensinar ultrapassa o mero treinamento de aptidões, constituindo-se como um processo que contribui para a formação de sujeitos mais críticos, autônomos e capazes de atuarem conscientemente na sociedade. Questões em torno da diversidade sexual e de gênero, inclusão escolar, cyber educação e processos educativos com incorporação tecnológica, bem como experiências no ensino de história a partir de diferentes propostas metodológicas constituem alguns dos focos desta proposição.

COMUNICAÇÕES EM SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2: Escrita da(na) história e culturas políticas na "fronteira oeste" do Brasil: memórias, migrações, identidades e reordenamentos espaciais

Coordenadores:

Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)

João Maurício Gomes Neto (UNIR / UNESP)

27/10/2016

16h15 às 18h15

A migração na visão da mídia impressa e seu papel na difusão de Rolim de Moura

Maria Aparecida da Silva (SEDUC-RO)
cidaselhorst@yahoo.com.br

Resumo: O trabalho discorre sobre as contradições presentes entre a visão desenvolvimentista do Estado brasileiro para Rolim de Moura – Rondônia e a visão dos migrantes dessa região, através do diálogo entre as mídias impressas sobre a migração, colhidas por meio de suas narrativas na Revista Ideias & Fatos (1998-2000), através da Roda de Conversa e questionário aplicado junto à rede de contato e das mídias impressas Jornal A Tribuna, Jornal Alto Madeira, Observador Amazônico e Revista Momento. Os dados foram debatidos com bibliografias que abordam as temáticas propostas. As informações coletadas indicam inúmeras controvérsias entre a visão do Estado que sequer tinha intenção de distribuir terras na região e a fala dos migrantes sobre os fatos reais relacionados à colonização de Rolim de Moura.

“NO HORIZONTE, O PROGRESSO”: notas de pesquisa sobre a imprensa e propaganda desenvolvimentista dos governos civis-militares no processo de ocupação e colonização de Rondônia – 1970 a 1982

Dr.ª. Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)
gilmara.franco@unir.br

Resumo: A ascensão do governo civil-militar ao poder, possibilitada pelo golpe de Estado perpetrado em março de 1964, abriu um novo capítulo de expansão e ocupação de áreas situadas na região Norte do Brasil. Buscando analisar aspectos relacionados a este processo, tomando como fonte para reflexão a propaganda de estímulo à migração veiculada em periódicos como Veja, o Globo e Tribuna Popular, o

presente estudo analisa elementos que deram tônica ao projeto de expansão em direção à região Norte, em particular no que refere a Rondônia, nas décadas de 70 e 80 do século passado. O objetivo é compreender, a partir daquilo que era veiculado pela imprensa escrita, como as noções de progresso, civilização e desenvolvimento, concebidas pelos governos civis-militares, eram apresentadas ao público leitor, de modo a estruturar o discurso que enunciava a integração destas áreas, dando sustentação à construção do chamado “Brasil-Potência”.

Projeções de natureza domada em Rondônia: o anseio pelo progresso e a capitalização da terra

*Eliane Teodoro Gomes (UNIR)
eje.tcosta@outlook.com*

Resumo: A pesquisa analisa o processo de ocupação do estado de Rondônia a partir de matérias veiculadas pela revista Veja e o Jornal Tribuna Popular. A chegada a Rondônia, vista por meio das páginas da revista Veja permite compreender, por meio do olhar do migrante, um ambiente de natureza bruta, e os desafios e desejos de domá-la, uma tarefa geralmente apresentada como árdua. A análise do discurso contido nas matérias de Veja e do Tribuna Popular trazem a representação de um ambiente a ser civilizado, posto que a natureza bruta, conforme encontrada na chegada, significava o caos. Assim, a partir do conceito de “espaço de experiência e horizonte de expectativa”, postulado por Reinhart Koselleck, busca-se investigar como a natureza vista e/ou tratada pelos migrantes que, das diversas regiões do país, passaram a chegar diariamente a Rondônia, representou, ao mesmo tempo, uma ruptura com o passado e projeção de um novo futuro. Neste processo de ocupação o migrante que se desloca e chega ao espaço rondoniense deixa para trás um conjunto de vivências representado pelo espaço de experiência, caracterizado como um ambiente racionalizado onde se vivia até então. A chegada em Rondônia, com tudo o isso significava, faz com que se projete no horizonte a expectativa do que seria ou daquilo que se queria nestas plagas, após o exercício de domar a natureza, de racionalizar o espaço e tornar a terra um meio de produção, de forma a consubstanciar os anseios pela chegada do progresso e do desenvolvimento tal qual entendidos pelos discursos apresentados por esses periódicos.

A “cultura” da exploração do trabalho indígena em Rondônia: reflexões a partir do registro do SPI

*Nágila Nerval Chaves (UNIR)
nagilanerval@unir.br*

Resumo: A colonização da Amazônia tem sido, ao longo dos séculos, marcada pelos signos da violência, da exclusão, da indiferença, da exploração dos recursos naturais e da mão de obra. A afirmativa acima, vem corroborar para evidenciar, a partir de bibliografias e fontes documentais, a incidência de mão de obra indígena, do negro africano escravizado e dos nordestinos, entre outros para a atividades laborais relacionadas à lavoura, bem como para extração do látex para produção da borracha. Procura-se narrar o passado a partir da percepção de que a costura dessa história se deu, por várias condições e interesses, e

entre etnias distintas, numa bricolagem própria que muitas vezes ceifou vidas em razão do descaso em especial das autoridades constituídas pelo estado brasileiro, sem com isso negar a efetiva exploração por parte dos detentores de privilégios econômicos. Como teoria adota-se as perspectivas de Manuela Carneiro da Cunha, Euclides da Cunha, Francisco Foot Hardman, Gilberto Freire, Ferreira de Castro, Carlos Corrêa Teixeira, Alfredo Bosi e documentos públicos da 9ª. IR (Telegramas e Correspondências oficiais), que contém indícios das modalidades de trabalho indígena em proveito da sociedade envolvente e de doenças como: sarampo, impaludismo (tuberculose) que assolaram as etnias indígenas em vários postos do SPI, e como não poderia deixar de ser, a resistência indígena à dita “civilidade” imposta pelos Aparelhos Nacionais, por meio do SPI.

28/10/2016

07h às 10h

Notícias da floresta, a Amazônia em revista (1966-1984)

*Me. João Maurício Gomes Neto (UNIR/UNESP)
joao.mauricio@unir.br*

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo investigar visões de natureza divulgadas pelas revistas da Realidade e Veja, ambas da editora Abril e que passaram a circular nacionalmente no Brasil a partir da segunda metade da década de 1960. A proposta visa identificar parte das representações construídas à Amazônia no que concernem as ideias de natureza e de progresso vinculadas ou relacionadas a tal espacialidade nessas publicações, de maneira a compreender parte dos ideários de desenvolvimento que marcaram a chamada nova expansão para oeste, incentivada em larga medida pelos governos militares, fortemente divulgada e propagandeada pelos meios de informação no período, no que se inclui os periódicos citados.

Rondônia: um breve estudo acerca da migração nordestina

*Kamomni de São Paulo (UNIR/bolsista PIBID)
Keli Régias Dias (UNIR/bolsista CAPES)
Kelvis Pereira de São Paulo*

Resumo: A colonização que hoje compreende o estado de Rondônia, localizado na Amazônia ocidental não se deu somente de uma única vez, nem tampouco com interesses políticos e econômicos iguais. Foi um processo longínquo, para estabelecer suas delimitações territoriais e sua população. O objetivo desse artigo é discutir o processo da migração nordestina para Rondônia, sobretudo a partir da década de 1970. Procurando descrever o processo de ocupação das terras pelos nordestinos, analisando as causas que

motivaram a migração para a região e os principais problemas enfrentados para aqui chegarem e se estabelecerem. Como metodologia faz uso da História oral na perspectiva de Verena Alberti, com a utilização de entrevistas semi-estruturada, realizadas com quatro pessoas de origem nordestina, deste modo, os entrevistados nos permitem a aproximação com o tema em questão, devido as suas experiências e vivências no processo de migração. Com base nas reflexões realizadas podemos destacar que o nordeste enfrentava dificuldades naturais e econômicas que não foram solucionadas da maneira que deveriam nas suas municipalidades. A migração nordestina foi de encontro a perspectiva do Governo Militar de integrar essa região se legitimando a partir do discurso do Progresso.

As matrizes do RAP e suas práticas culturais

*Tarcisio Pereira da Silva Júnior (UNIR)
historiadorpsi@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho discorrerá sobre os resultados iniciais de nossa pesquisa para a construção de dissertação a ser defendida futuramente no Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia. Discutiremos a respeito dos processos de práticas culturais do gênero musical rap, desde a sua genealogia na África até sua construção no cenário da Black music nos Estados Unidos no modelo que conhecemos atualmente. Procuramos analisar o rap enquanto movimento de diáspora africana dentro do contexto da escravidão moderna e como essas populações exiladas conseguiram através da música resistir culturalmente à opressão e o racismo. O nosso objetivo é mostrar todas as possíveis matrizes africanas da música rap e suas práticas culturais. Adotamos como metodologia a pesquisa de Revisão Bibliográfica, utilizando variadas fontes como, teses, dissertações, artigos científicos, revistas especializadas, sites e discografias. Destacamos a Tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada na Unicamp por José Carlos Gomes Silva em 1998, sob o título: “Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana”. De igual importância para o nosso trabalho foi a Tese de Maria Eduarda Araújo Guimaraes, sob o título “Do Samba ao Rap: a música negra no Brasil”, apresentado em 1998 na Unicamp. Para responder as questões surgidas de nossa problemática utilizamos como fundamentação teórica os conceitos de Práticas Culturais, Cultura, Cultura Popular e Tradição dos intelectuais dos Estudos Culturais, Edward W. Said, Alfredo Bosi e Peter Burke. Convidamos a todos à leitura de nosso trabalho onde nossa pesquisa desvendou que a origem do rap é realmente a África, com as primeiras descrições dos Griots no século XIV e como esse gênero musical se transformou em grito de protesto dos jovens marginalizados dos guetos no final do século XX.

Como a doença e o trabalho afetaram as culturas indígenas: um breve olhar acerca do posto indígena Ricardo Franco em Rondônia

Nágila Nerval Chaves (UNIR)
nagilanerval@unir.br

Resumo: Estudar a cultura, seja em qualquer tempo ou espacialidade, é tarefa sempre muito complexa, não seria diferente no que tange a colonização amazônica. Nesse pequeno ensaio pretende-se discutir de que modo a perspectiva eurocentrada de trabalho afetou os povos indígenas, não apenas no que tange o viés econômico e de sobrevivência dos povos (em especial da 9ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção ao Índio – SPI de Guajará Mirim), mas também no que diz respeito a toda a cosmologia indígena que se relaciona à cultura em que não há distinção entre a vida, a cultura material e tantas outras dimensões dos saberes-fazeres no dia a dia, portanto, também o ato educativo. Para auxiliar na problematização e compreensão do acima exposto adota-se as fontes documentais da 9ª. IR (Telegramas e Correspondências oficiais), registros depositados no acervo do Museu do Índio da Fundação Nacional do Índio - FUNAI da cidade do Rio de Janeiro (RJ) que contêm indícios das modalidades de trabalho indígena em proveito da sociedade envolvente, da educação e de doenças que assolaram as etnias indígenas em vários postos, além da resistência percebida, em especial, por meio das correspondências. Os resultados apresentados são parciais e compõem os estudos que vem sendo realizados para a dissertação de Mestrado em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A densidade demográfica populacional atual é muito distinta da encontrada entre as décadas de 1950 e 1960, que acometidos por doenças diversas e com pouco ou nenhum atendimento sério, muitas vidas foram ceifadas. No estudo, até o momento não foi possível localizar ou mensurar exatamente o quantitativo populacional, algo que está entre os objetivos do estudo e que percorrerá a investigação.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3: A memória, a história: reflexões sobre as metodologias

Coordenadores:

Dr. Eduardo Gusmão de Quadro (UEG UnU Cidade de Goiás / PUC-GO)

Dr. Rodrigo Tavares Godoi (UNIR)

27/10/2016

16h15 às 18h15

A memória e suas implicações teóricas

Marcelo Ferreira Lemes (UNIR)

mferreiralemes@gmail.com

Resumo: O objetivo desta comunicação é demonstrar o contexto de elaboração do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, suas influências e preocupações teóricas. Para a constituição do seu conceito, foi necessário contestar a teoria da memória de Henri Bergson que, para isso, inspirou-se na psicanálise do inconsciente de Sigmund Freud e no fato social do sociólogo e filósofo David Émile Durkheim. Esta demonstração do conceito central de Halbwachs incluirá o debate a partir da ideia de representação na teoria da história de Frank Ankersmit. Deste modo, o tema memória possui vinculação com a possibilidade de sua referência. Assim, há uma inquietação quanto a abertura reflexiva da referência e da representação em torno do conceito de memória entre o coletivo e a duração. E, se tratando especificamente das críticas relacionadas a Bergson, o locus da memória reaparece sendo necessária a discussão a respeito da validade ou fragilidade da representação. Esse lócus reconduz questões inerentes a princípios estéticos e epistemológicos da memória.

As categorias tempo e espaço na morte como lugar de memória: uma leitura do bergsonismo

Vanessa Barbosa de Oliveira (UNIR)

vanessabarbosa797@hotmail.com

Resumo: Henri Bergson buscou compreender a memória levando em consideração o espaço e o tempo. O espaço em Bergson é justaposição de momentos de tempo que se tornam quantidade, extensão e medida. Nesta perspectiva, meu objeto de estudo está relacionado à questão da morte e seu lugar de memória. Assim, para pensar os túmulos será preciso raciocinar a respeito da comemoração e do compartilhamento da morte através de ritos como: ornamentos e arquitetura dos túmulos, simbolismos e representações dos sentimentos. Por este motivo, pensar a morte e a memória numa relação recíproca depende diretamente

das categorias tempo e espaço que fundamentam-se a partir do bergsonismo.

Pastoral da saúde: voluntariado e homeopatia popular

*Vânia da Silva Diniz (UNIR)
vaniadiniz17@hotmail.com*

Resumo: A pesquisa tem como objetivo abordar a temática sobre a homeopatia popular e suas práticas dentro da Pastoral da Saúde de Alto Alegre dos Parecis – RO, visando compreender quais elementos constitui o sentido que impulsiona a ação voluntária, bem como o fio condutor que une esta ação às práticas do cuidado com a vida, o crer na ação possível. A tensão que a pesquisa se encontra está presente no modo como as ações se constituem entre a espiritualidade e as projeções de futuro. Até onde se fundamentam as ações com base na identidade do trabalho com homeopatia popular? A crença da cura estaria nas plantas ou numa energia que está além? Fala-se de uma energia presente no medicamento, na pessoa humana, na natureza. Por este motivo, a perspectiva será a de abordar a concepção de vitalismo do bergsonismo. Compreender a relação espiritualista e materialista da cura e das crenças.

O esquecimento

*Ricardo Ciriaco Gomes (UNIR)
ricardoc_gomes@hotmail.com*

Resumo: Esta proposta tem como objetivo discutir o esquecimento como centro problematizador do projeto que se encontra em andamento para o término do curso em história, com o tema: Memória. Esquecimento. Imagens: um debate teórico a partir de Bergson e Ricoeur. Esta inquietação em tentar compreender o esquecimento, partiu de uma questão familiar entre avó e neto, que não entende como um fenômeno neurológico pode apresentar um distúrbio psíquico no sujeito, mas, ao mesmo tempo em que a mente se encontra perturbada, o esquecimento aparece como um pêndulo temporal, que o lembrar parte de tempos já vividos, como um novo reviver no passado presente, que se altera de acordo com o momento. Este momento é despertado por canções ou até mesmo pelas imagens, como se não estivesse apenas vinculado ao memorizado, mas, pelas sensações de experiências de vida, que o corpo respondesse por estímulos do seu próprio cuidar, como resposta de uma vivência no mundo social. Sendo assim, seria a preocupação do viver que nos dá esperança de algo, que transcende a matéria para se alcançar uma conexão com o espiritual. Pretende-se usar como aporte teórico o autor Ricoeur, por trazer o conceito do esquecimento como dimensão da condição histórica de humanos que somos e o levar em considerações, as recordações.

28/10/2016

07h às 10h

Existências e (re)existências do povo Makurap – terra indígena Rio Branco – RO

*Roseline Mezacasa (UNIR)
roselinemezacasa@hotmail.com*

Resumo: Com a presente comunicação almeja-se apresentar a pesquisa que vem sendo realizada com fins de levantamento e registro dos elementos culturais da etnia Makurap. A pesquisa é realizada junto da etnia Makurap, na Terra Indígena Rio Branco, no município de Alta Floresta D' Oeste, RO. O objetivo central do trabalho é registrar dos bens culturais que são importantes para o conjunto simbólico/cosmológico/social dessa etnia, tendo em vista os intensos processos de transformações culturais pelos quais passam. Dessa forma, ao término do projeto, ter-se-á produzido um material impresso e digital, com os registros sistematizados e organizados em uma publicação de livro, na área de educação escolar indígena, como também uma produção de um vídeo documentário, material significativo para futuras ações de valorização cultural dentro e fora da comunidade indígena. Toda a proposta de pesquisa foi construída conjuntamente com a etnia indígena envolvida, bem como partiu do anseio da etnia a sua realização. O projeto parte das histórias indígenas, histórias que compõem as memórias dos anciões Makurap e que fundam a existência do que é ser Makurap. As ferramentas metodológicas utilizadas durante os trabalhos de campo transitaram entre a etnografia e a História Oral, propondo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, diálogos interdisciplinares entre antropologia e história. Assim, a pesquisa insere-se nas discussões da História Indígena, que tem enquanto fundamentação a construção de uma história pautada no protagonismo dos povos indígenas. O projeto conta com apoio financeiro da Fundação de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e a Pesquisa do estado de Rondônia, FAPERÓ.

O teo-político: um campo de pesquisa

*Eduardo Gusmão de Quadros (UEG Unu Cidade de Goiás / PUC-GO)
eduardo.hgs@hotmail.com*

Resumo: A noção de teológico-político foi proposta por Carl Schmitt, em 1922, para pensar as intercessões e as tensões do nível religioso com os valores sociais. Desde então, o conceito vem sido retomado e aplicado para objetos distintos como o padroado ibérico, o nazismo ou o terrorismo atual. Nesta comunicação, aplicamos tal noção ao estudo da atuação de um sacerdote que foi secretário da educação em Goiás e deputado federal durante a década de cinquenta do século passado. Buscaremos entender como o teo-político possibilitou a mescla de representações e práticas a partir da memória das pessoas que se correspondiam com ele.

Bergson para historiadores

Rodrigo Tavares Godoi (UNIR)
rodrigo.godoi@unir.br

Resumo: Compreender e associar a perspectiva de Bergson à pesquisa histórica depende diretamente de como o historiador lida com o ponto de vista epistemológico e hermenêutico. Esta proposta aproxima o *bergsonismo* do atual debate da teoria da história de Koselleck e Rüsen. Há de se raciocinar diretamente com a ideia de testemunho e a experiência do passado. Mas, por que esse desenvolvimento argumentativo? Sob o ponto de vista epistemológico do contexto, é possível localizar Bergson em um debate inerente a teoria da história que precede as inquietações existentes nas teorias da história de Koselleck e Rüsen. Desde o final do séc. XIX que Bergson já criticava a postura epistemológica do pensamento científico porque desconsiderava o problema do sentido. Assim, mesmo não tendo escrito para historiadores há na filosofia bergsoniana princípios hermenêuticos que recolocam em debate o problema do conhecimento científico. Pensar historicamente inscreve a relação com o passado e com o tempo; neste sentido, a categoria experiência e suas evidências testemunhais aproxima o debate da história para inquietações quanto a validade do seu conhecimento. Assim, a intenção é estreitar as relações entre esses três intelectuais e propositar o debate quanto a validade do conhecimento histórico.

**SIMPÓSIO TEMÁTICO 4: Cidades e os mundos do trabalho na fronteira oeste:
trabalhadores, mobilidades e capitalismo**

Coordenadores:

*Dr. Santiago Silva de Andrade (UNIR)
Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano (UNIR)*

27/10/2016

16h15 às 18h15

Rolim de Moura âncora do discurso rondoniense: políticas e territorialidade

*Michelle Fernandes Figueiredo Jandre (UNIR)
michelleffjandre@hotmail.com*

Resumo: Esta pesquisa busca compreender de que maneira Rolim de Moura torna-se essencial na estrutura política, econômica e social do Estado de Rondônia. Por meio de uma análise qualitativa das fontes, O Decreto lei do município e o projeto de Criação, que dão suporte as demais bibliografias elencadas, de autores como Bertha Becker e Octavio Ianni, busco compreender como que esse processo configurou-se analisando desde a criação do município. De certo modo, a análise permeará por toda a estrutura que formou-se em Rolim de Moura, os nomes dado as ruas, as escolas, que são nomes de capitais, presidentes e rios importantes e o próprio nome da cidade, que é uma homenagem ao primeiro Capitão e governador da Capitania do Mato Grosso, lugar que compreendia Rondônia até torna-se território quando é desmembrada da capitania. Contudo busco traços das populações endógenas rolimourense, que não estão em evidência no cenário hodierno da urbanização do município.

Guerra das luzes: fé e política em Rolim de Moura

*Michelle Fernandes Figueiredo Jandre (UNIR)
michelleffjandre@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho busca compreender de que forma as rupturas são apuradas na sociedade e como se dá esse dinamismo. Pois a religião e a política, como instituições, elegem grandes anseios da sociedade e ditam esses. A cidade de Rolim de Moura tem uma imponente Igreja Católica que todos os anos festejava o natal e a praça e a noite rolimourense brilhavam naqueles dias, mas parou e quem começou a ofertar esse brilhantismo foi o poder político local, a prefeitura, deste modo analiso como esse processo ocorreu, de que maneira isso concebeu-se. Por meio de uma revisão bibliográfica e da utilização do depoimento do

padre da paróquia.

28/10/2016

07h às 10h

Entre o comércio e a “civilização” indígena na perspectiva de Joaquim Francisco Lopes

*Michele Fernandes Figueiredo Jadre
michelleffjandre@hotmail.com*

Resumo: Este estudo tem como objetivo central apresentar uma reflexão, por meio da perspectiva do explorador da época imperial brasileira, momento de muita instabilidade nas políticas públicas, e ao índio dito não “civilizado” no contexto do século XIX. A visão das instituições econômicas estava geralmente relacionada comércio, às riquezas poderiam ser descobertas por meio da sabedoria indígena e a possível exploração dos mesmos pelo trabalho em favor da sociedade envolvente, por isso exploradores buscavam manter relacionamento e contato com indígenas. Compreendendo a participação do indígena no processo civilizatório que na época está em plena ascensão busco-o compreendê-lo como produto imposto participante aos moldes europeus criando um cenário inteiramente brasileiro. Feito esta sobreposição de interesses dos entre “civilidade” e comércio procura-se apreender como esse processo ocorreu e se de algum modo até os dias atuais. Refletindo que por conta do desenvolvimento econômico e estabilidade social, que exploradores se mantêm no centro o poder, em que os índios estão sendo atacados tornando-se refém em suas terras, sem sua cultura, suas vidas, para que o povo dito “civilizado” se mantenha tendo seu espaço e status. Por meio de uma abordagem Cultural e autores que permeiam este assunto juntamente com o documento do século XIX, que se pertence ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB, que relata uma das viagens deste explorador.

Defensores da fronteira: a participação de escravos na defesa da fronteira oeste (Mato Grosso 1850-1864)

*Ana Cláudia Martins dos Santos
anaclaudia_santos12@hotmail.com*

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar a presença de escravos dentro das fileiras do Exército antes da Guerra do Paraguai, tendo como espaço de análise a província de Mato Grosso. Para isso, analisamos os relatórios dos presidentes dessa província e a documentação presente no Arquivo Público de Mato Grosso, principalmente os livros de correspondências. Nos momentos de maiores necessidades militares ou diante da obrigatoriedade em completar o contingente militar, indivíduos legalmente isentos pela Instrução de 1822 acabavam sendo recrutados, sendo que, nem os escravos escapavam da ação dos

recrutadores, os quais negligenciavam a condição de cativo e recrutavam-no para poder completar a cota de efetivos. Da mesma maneira, muitos escravos procuravam no Exército uma fuga da condição de cativo, fornecendo nome falso e omitindo sua condição, para assentar praça voluntariamente. No decorrer do século XIX, houve vários casos de escravos que fugiam para se alistar voluntariamente no Exército, enquanto outros eram recrutados confundidos no meio da população livre que circulavam pelas ruas. Porém, em nenhum desses dois casos o governo ameaçava os interesses dos senhores, sendo que estes podiam recorrer à devolução do escravo, caso conseguisse provar que era de sua propriedade. Para isso era necessário que o senhor reconhecesse seu escravo (pois fornecia nome falso, negligenciando informações pessoais e a condição de cativo) e provasse ser sua propriedade, além de arcar com os custos para sua libertação, pagando os gastos realizados pelo Exército com o recruta.

No reino dos frigoríficos, quem ganha?

*Fabio Alves Jorge
fabio_historiarm@hotmail.com*

Resumo: O presente texto compreende a um capítulo extraído do meu trabalho de conclusão de curso em História (monografia), defendido na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, campus de Rolim de Moura – RO, em Setembro de 2016. Trata-se de uma análise da atuação de empresas frigoríficas no município de Rolim de Moura – RO, realizado para compreender sob quais bases se assenta a relação entre produção de riquezas e exploração de mão de obra e matéria-prima local. Tal estudo dá-se a partir de dados publicados pela revista Exame, cuja imagem transmitida procura transmitir a ideia de progresso e desenvolvimento econômico neste município em nível acelerado. Realizado a partir de preceitos teórico-metodológicos que visa a compreensão de determinada sociedade a partir do meio de produção vigente, este estudo tem como fundamento teórico o materialismo histórico e como metodologia de pesquisa a História Econômica, dando ênfase dentro desta perspectiva a questão da produção e confrontando-a com a realidade socioeconômica dos sujeitos envolvidos nesse processo. Alguns resultados obtidos por meio deste estudo revelam intensa exploração da mão de obra assalariada. Desse modo, foi possível perceber que, mesmo sendo em um município localizado no interior do Estado e distante dos grandes centros urbanos do Brasil como São Paulo, as relações de trabalho apresentam forte declínio em favor do capital, que põe em segundo plano todos outros fatores que não estejam vinculados diretamente com a produção de riqueza.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 5: História e natureza

Coordenador:
Dr. Maurício Silva de Souza (UNIR)

27/10/2016

16h15 às 18h15

“ALDEIA” de São João de Queluz: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos Puri

Daniele Pereira Coelho (UNIR/bolsista PIBID)
danielaunse@outlook.com

Resumo: A pesquisa tem como objeto de pesquisa a formação de uma “aldeia” ao leste de São Paulo – São João de Queluz, discutindo mecanismos usados para colocar este grupo étnico em um só lugar, e demonstrando o porquê desta extração de terra indígena, para uma catequização destes, que se traduziu num modelo civilizatório para usual força do trabalho indígena em prol do capitalismo afluído da época (século XIX), num contexto de civilizar o Brasil, pois até então era tratado como país de um povo “selvagem”, “ignorante” e que precisava ser evoluído para uma categoria branca, ou seja, embranquecer era também preocupação nesse período, logo se tratando essa colonização forçada não apenas com o objetivo de catequizar prestando um serviço “a Deus”, mas sim estratégia para um fator econômico, vinculado à tomada de terras indígenas para a crescente pecuária e novas economias surgindo em São Paulo.

Ensino de história e a ligação histórica do homem com a natureza

Jean Carlos da Silva Moura (UNIR/bolsista PIBID)
jeanipbaap@gmail

Resumo: A intenção do referente artigo é refletir de maneira cônica e sintética a transversalidade da disciplina “história” – e da temática “meio ambiente” na prática do ensino de história em sala de aula, para a dilatação à consciência histórica vinculada à vida prática do aluno no que condiz a questão da Natureza. A proposta do artigo é explicitar a função do professor de história na abordagem dessa temática vital, sob o ponto de vista de orientar o discente na vida prática para a reflexão sobre a relação homem\natureza através dos métodos de ensino na disciplina escolar, história. É elementar o professor de história tratar da significância da natureza nos processos históricos, os homens como agentes transformadores desse meio, pois o homem não está à parte ou excluído da natureza quando se trata do processo histórico de movimentação humana no tempo. E a urbanização e cotidiano capitalista (que intensamente está a

costrar), fazem do discente (e dos demais seres humanos) um ser apático no que concerne à natureza. O objetivo desse artigo é refletir a partir da praticidade do ensino, isto é, o professor e salas de aula. Visto que essa reflexão e artigo ambicionam ter a relevância na formação subjetiva dos discentes em suas relações sociais, e com a própria natureza. Em suas relações sociais porque o que foi aprendido do professor de história pelo discente possa ser divulgado em suas relações com outros, outros, esses que não receberam tais informações; e com a própria natureza, por que em si mesmos as informações farão efeito na prática comum de existir na natureza.

Uma introdução a história ambiental com base nas pequenas centrais hidrelétricas da sub-bacia do Rio Branco em Alta Floresta do Oeste – Rondônia

*Sara Mena Felberg Jacobsen (UNIR)
saraberg33@hotmail.com*

Resumo: Na perspectiva de povoar o Norte do país e torná-lo economicamente ativo, os incentivos de colonização dos estados Amazônicos se intensificaram a partir da década de 70 e se concretizaram nas décadas seguintes. Para subsidiar o chamado “desenvolvimento” das regiões colonizadas, a partir de 1998, o governo federal passou a incentivar a construção das Pequenas centrais Hidrelétricas - PCHs, como forma de suprir as necessidades estruturais dos moradores das regiões marginais e com a promessa de promover o desenvolvimento local. Neste sentido, a história humana e da natureza são indissociáveis e é neste contexto que surge a História Ambiental, com o objetivo de procurar entender as relações que são estabelecidas entre o homem e a natureza e a natureza e o homem. Como afirma Donald Worster “A ideia de uma história ambiental começou a surgir na década de 1970, à medida que se sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países” (1991, p.199). O objetivo central deste trabalho é estudar, de forma introdutória, uma realidade local com base na História Ambiental no município de Alta Floresta do Oeste - Rondônia. O problema que permeia este estudo é: Porque existem tantas PCHs no município e no mesmo rio? Neste estudo introdutório, consideram-se as cinco características metodológicas e analíticas definidas por José Augusto Drummond como meio possível para perceber o quanto a História Ambiental é relevante para o estudo das mais diversas realidades. Para tanto, o primeiro ponto é “localizar a região com alguma heterogeneidade” (1991, p.181). Neste caso, o que chamou a atenção foi o grande número de PCHs em um mesmo rio e dentro de um mesmo município. O segundo aspecto a se considerar é “o diálogo sistemático com as ciências naturais” (1991, p.182). É preciso conhecer minimamente o funcionamento dos ecossistemas para avaliar o papel das sociedades humanas dentro dele. A abertura e o fechamento das comportas das PCHs provocam um efeito visual, perceptível a qualquer observador mais atento. O terceiro aspecto a ser analisado, segundo Drummond “é explorar as interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas” (1991, p.182). É notável que um recurso só se torna importante a partir do momento em que é identificado como tal. Um rio não é interessante sem que haja um fim específico estabelecido para seu uso. Uma quarta característica “é a grande variedade de fontes pertinentes ao estudo das relações

entre as sociedades e o seu ambiente” (1991, p.183). Para este estudo introdutório foi feita uma vasta revisão bibliográfica com o fim específico de determinar se a construção desses pequenos empreendimentos energéticos causam impactos significativos na vida dos atores envolvidos. A quinta característica apontada por Drummond para estabelecer caminhos metodológicos no estudo da História Ambiental é o trabalho de campo (1991, p.184). O trabalho de campo permite uma visualização dos dados obtidos por meio de referencial teórico. Deste modo, por meio da História Ambiental, vislumbra-se um horizonte de possibilidades tendo como base diversas realidades.

Amazônia um espaço em construção

*Admilson Borkart dos Anjos (UNIR)
mila.mila2016@hotmail.com*

Resumo: O espaço amazônico caracteriza-se pela sua vastidão territorial e suas diversidades ambientais sociais e culturais, uma verdadeira mina para pesquisas, seja ela medicinal, ambiental, sociológica ou histórica, pois possui pluralidades na sua ocupação e formação espacial, que conferiram a essa região uma característica singular no decorrer do processo histórico o qual esta submetida. Pensar numa Amazônia desenvolvida é um ato que nos remete ao século XVIII, período esse em que o espaço territorial brasileiro pertencia a coroa portuguesa. Quando Marques de Pombal assume o cargo como ministro de assuntos estrangeiros da coroa Portuguesa, uma das principais mudanças aconteceria no espaço físico do território, o que marcaria significativas mudanças onde hoje é espaço amazônico, Pombal visava uma dinamização na produção e o maior aproveitamento do espaço com vistas a garantir o território à coroa utilizando a floresta como divisa natural da até então América portuguesa, e assim incentivava a prosperidade no interior da Amazônia intensificando sua ocupação, em contrapartida garantiria o espaço a coroa. Como vimos a ideia de aproveitamento do espaço amazônico e um pensamento que nos remete ao século XVIII, e que já naquele período esse território sofre influência de um pensamento econômico liberal, pensamento esse que seria a mola propulsora do capitalismo, e nesse modelo de economia; como já se foi comprovado, a ideia de desenvolvimento não é concomitante a de escrúpulos, ética ou moralidade, e sendo assim, a natureza sofre um intenso processo de transformação dialética envolvendo o homem suas ferramentas e tecnologias transformando o espaço e conseqüentemente o sujeito neles envolvido. Esse modo de pensar a Amazônia é percebido ainda no século XX, quando o governo militar na década de 70, em busca de ocupar as regiões estéreis da nação, utiliza-se do discurso “integrar para não entregar”, uma maneira de incentivar a população a ocupar o espaço para não perdê-lo para outras nações, tendo em vista a importância desse espaço para o desenvolvimento econômico do país. O reflexo desse processo pode ser percebido nas ações de governos posteriores que buscando dinamizar a produção e garantir a ocupação desse território adota medidas de incentivos para exploração e aproveitamento dos recursos naturais, que se apresenta em abundância nesse espaço, tais como a água, a madeira e a própria terra que é utilizada para cultivos e criação de gados, atraindo assim investimentos para a região, intensificando a exploração dos recursos

naturais, dentre os quais, os recursos hídricos como principal meio gerador de energia elétrica para a região.

28/10/2016

07h às 10h

Flona do Jamari: uma história de concessão florestal

*Kamila Diniz Correia de Araújo (FASP/UNITAU)
miladinizz@hotmail.com*

Resumo: A concessão florestal, regulamentada pela Lei nº 11.284, de 2 de Março de 2006 que dispõe sobre a Gestão de Florestas Públicas para a produção sustentável, institui o Serviço Florestal Brasileiro, cria o Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal, buscando promover a conservação das florestas, a melhoria da qualidade de vida da população local e a ampliação da economia, para isso o governo conferiu a comunidade e a empresas o acesso as florestas e o manejo das mesmas, através de contratos de concessão florestal por meio de processos licitatórios. A Floresta Nacional do Jamari, no seu processo de criação, teve início em 1970, com uma área de 256 mil hectares de terra devolutiva, nomeada Gleba Cajueiro, foi arrecadada pelo INCRA, sendo que deste total, foram doados 215 mil hectares para o IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. No período de 1981 a 1983, o IBDF elaborou um diagnóstico e um inventário florestal, no qual de acordo com os dados apurados favoreceram a criação de uma Flona. Com isso, através do Decreto nº 90.224, de 25 de setembro de 1984, com uma área total de 223 mil hectares, foi criada a Flona do Jamari.

O descarte de resíduos sólidos e suas implicações socioambientais – um estudo na perspectiva da história ambiental do caso do aterro sanitário de Porto Velho

*Itamar Elói Schlender (UNIR)
itaschlender@gmail.com*

Resumo: Trata-se de dissertação de Mestrado em processo de construção, desenvolvida no contexto do Mestrado Acadêmico em História e Estudo Culturais, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A abordagem do tema está sendo feita na perspectiva da História Ambiental, por entender-se que esta “objetiva trazer de volta à nossa consciência [o] significado da natureza e, com o auxílio da ciência moderna, descobrir algumas verdades recentes sobre nós mesmos e nosso passado” (WORSTER, 2003, p.10). Também por entender que ser humano e meio ambiente encontra-se visceralmente ligados, o que possibilita um diagnóstico de processos de transformação ambiental, destruição ecológica, produção de pobreza e do desaparecimento de práticas mais harmoniosas com a natureza, etc. (LEFF, 2005).

A história ambiental sob uma perspectiva crítica

*Maurício Silva de Souza (UNIR)
mauricss@gmail.com*

Resumo: A natureza ocupa no pensamento marxista objeto central. É por ela, e através dela, que o ser humano realiza seu trabalho, cunha ferramentas, transformando a realidade, gerando novas tecnologias e criando elementos de desenvolvimento das sociedades na história. Não é por acaso que a Ecologia e a Economia têm em comum o seu elemento etimológico. As duas palavras têm como origem o elemento ECO, do grego oikos, que significa “casa, lar, meio ambiente”. O fato é que, dialeticamente, as palavras sofrem mudanças em seus significados, todavia, a nossa casa, presente nas duas palavras, são as fontes e recursos que movimentam a roda da história. A natureza é o combustível propulsor que gera energia e que transforma as ferramentas produtivas das sociedades. Ao se apropriar dessas fontes o homem criou as condições necessárias para que o trabalho fosse, da mesma forma, se tornando propriedade de um grupo seletivo de pessoas. Assim as origens da propriedade, e da divisão de classes, estão vinculadas a apropriação dos recursos naturais. Ao pensar no meio ambiente ou na ecologia como a casa na qual todos habitam, objeto exterior ao homem., ambiente este constituído da natureza, mas também dos costumes e tradições de um dado espaço e/ou região, percebe-se tal ambiente como força exterior que esmaga o homem, mas que também o liberta e o torna consciente, constituindo-se na formação de uma novo princípio ético-político. As crises ambientais, tão em moda neste século são, portanto, de forma concomitante, elementos provedores de consciência e, da mesma forma, de alienação. Essa reflexão vem apresentar, de forma introdutória, como a História Ambiental pode ser tratada, na contemporaneidade, a partir da tradição do pensamento marxista.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 7: profissão professor: os desafios da docência na atualidade

Coordenadores:

Dério Garcia Bresciani (UNIR)
Fabrício Ricardo Lopes (UNIR)
Luciana Coladine Bernardo Gregianini (UNIR)
Patrícia Ferreira Miranda (UNIR)

28/10/2016

07h às 10h

A práxis do ensino religioso na cotidianidade escolar e o entrelaçamento com a legislação

Maria Isabel da Siva
bebmais@hotmail.com
Grasieli Binsfeld
grasibinsfeld276@gmail.com
Josiane Cássia de Almeida
josinha_cas@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como finalidade problematizar a disciplina de ensino religioso e sua aplicabilidade em sala de aula, buscando entender como está sendo aplicada conforme as garantias legais presentes na Constituição da República Federativa do Brasil e nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e se ela é trabalhada de forma que contemple todas as religiões existentes no país. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas e questionários semiestruturados com professores e estudantes na Escola Municipal de Ensino Pré-Escolar e Fundamental Expedito Gonçalves Ferreira localizada na linha P18 velha, Km 3 Sul, na zona rural do município de Santa Luzia D'Oeste, tendo por finalidade compreender como a disciplina é trabalhada na sala de aula e quais preparações curriculares tem esses professores para desempenhar essa função.

O trabalho com fontes documentais em sala de aula: algumas possibilidades a partir de reflexões historiográficas

Maria Isabel da Silva
bebmais@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar algumas articulações entre a escrita da história e o trabalho docente na educação básica, tendo como nuance, a problematização de fontes documentais. A historiografia experimentou, ao longo dos últimos anos, diversas transformações, seja na abordagem filosófica, nos meios investigativos, na conceituação, e ainda, na periodização. No que tange a sua escrita,

percebe-se tentativas fecundas de superação do modelo tradicional e do positivista, ao exemplo da Escola dos Annales, que rompeu com os paradigmas dominantes. O repensar das fontes, objetos e metodologias proposto pelos franceses ampliou o diálogo com outras áreas. Nessa comunicação destacam-se as fontes em diálogo com a experiência docente, na dimensão pedagógica para promoção do conhecimento histórico. Autores como Burke (1992) e Certau (1982), apresentam perspectivas e possibilidades de pensar o passado tendo em vista um feixe argumentativo que abraça vertentes diversas. Desse modo, ao compreender a variedade posta para a escrita, tem-se em mente também a diversidade dos registros documentais, sua problematização, localização e fundamento, algo que tem adentrado as salas de aula a cada dia. Tendo em vista que a História se ocupa nas últimas décadas pensar os múltiplos sujeitos, os excluídos e os silenciados por propostas oficiais de narrativas. Justifica-se ampliar o leque no que tange os registros documentais e o trabalho junto as escolas. O ambiente escolar, espaço repleto de conhecimentos, enseja pensar também a escrita da história, para além do mero consumo. Ao valer-se de fontes que no processo de ensino-aprendizagem os sujeitos apropriam-se de instrumentos que promovam a inquietação, ou seja, experimentem as práticas de indagar sempre, seja perguntando aos documentos, questionando a sua produção e narrativa sobre o passado, vivendo e colocando-se no debate junto ao presente.

O PIBID como possibilidade dialógica para a formação da prática docente em história

*Rodrigo Mistrello
mistrellorodrigo10@gmail.com*

Resumo: O presente artigo busca tecer algumas considerações sobre o Programa Institucional de Bolsa à Iniciação Docente (PIBID) como possibilidade dialógica para se pensar a formação da prática docente em História. Sendo que, o mesmo tem por objetivo aprofundar a análise iniciada no segundo capítulo da monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura em História na Universidade federal de Rondônia, a qual teve por tema as contribuições do PIBID, para a formação da prática docente em história. Sendo que, o referido artigo traz por aporte metodológico a pesquisa participante, uma vez que a mesma é fruto das inquietações gestadas durante a participação do pesquisador no subprojeto de História, tanto em sua primeira como em sua segunda edição no campus de Rolim de Moura, do final de 2012 os primeiros meses de 2016. Como fundamentação são utilizadas obras teóricas que versam tanto sobre pesquisa participante, relação dialógica, formação docente como outras que versam sobre o PIBID como possibilidade dialógica.

Historiografia e sala de aula: reflexões sobre o ensino na educação básica

*Kháyo Djemes Binas da Purificação
khayodbinas@hotmail.com*

Resumo: Quando se pensa a História como disciplina no currículo escolar dedicado aos alunos secundaristas, não se mensura a polissemia desta única palavra, o que ela representa no que diz respeito

aos processos anteriores que margeiam sua escrita, ou seja: fontes, narrativas, temporalidades, abordagens filosóficas, entre outros. Durante muitos séculos filósofos e posteriormente historiadores tentaram métodos e teorias para explicar a história. Diversas correntes foram fundadas na tentativa de responder perguntas como: o que é a História? Como escrever história? Qual é a função da história? Assim como as indagações são muitas, obviamente, as respostas também o são. Ao menos um consenso existe, o de que a história é muito ampla para ser enquadrada em um único método, teoria ou aporte. Essa comunicação tem como objeto refletir sobre o assunto e estabelecer pontes no que tange a historiografia enquanto veículo para pensar o passado, mas sem perder de vista a dimensão de seus reflexos nos ambientes escolares. Busca-se problematizar a relação produção do conhecimento histórico e as nuances historiográficas em diálogo permanente com a práxis docente e discente no ensino médio. O estudo refere-se a um breve “estado da arte” sobre o assunto, portanto, nesse momento, diz respeito a uma revisão bibliográfica. Tomou-se como base os seguintes autores Barros (2012); Furet (1989) e Bloch (2001).

História pra quem?

*Fabiola Santana
santana.fa0@gmail.com
Alana Nayara Nascimento Souza*

Resumo: Muito mais que discussões sobre o que é a História, é preciso pensar para que ela serve e qual sua função social. Discussões sobre o fazer historiográfico, de encontro com demandas sociais tornam-se instrumentos para aproximar o debate da prática. Será que os debates que são amplamente discutidos em convenções e simpósios de História tem espaços na sala de aula? Existe limite entre o debate historiográfico e a sala de aula? Essa comunicação tem como objetivo refletir sobre o que se discute na academia enquanto História e como isso se dá nos ambientes escolares. Reflete sobre o papel do professor de História e do pesquisador, sendo que um não deve estar desassociado do outro.

PÔSTERES E PAINÉIS

Pôsteres

Contrapondo os saberes

Marcelo Ferreira Lemes (UNIR)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os condicionantes históricos que fazem parte de uma cultura popular, sendo esta a comunidade de pescadores profissionais e artesanais da até então desconhecida Z-14, portando o estudo é de conhecer como esta cultura popular se porta diante a uma exigência estatal do estado de Rondônia, e também de como esta cultura se estrutura em posição ao Estado Nacional Brasileiro, Estado este que forma profissionais em Engenharia de Pesca e Engenharia Ambiental, portanto, o artigo pretende-se fazer um diálogo com a condição histórica, sendo um trabalho de pesquisa de fontes que demonstram os instrumentos normativos do Estado, medidas que intermedeiam entre o estado e pescadores, e também com o uso da história oral como material histórico. Esta análise das fontes terá um viés de propor uma compreensão que auxilie para o entendimento de como é esta relação de cultura popular e Estado, como esta duas dimensões de vida se relacionam e se transformam. O objetivo é analisar esta tensão proposta pelo Estado.

A percepção arbórea da população do município de Pimenta Bueno/RO (1970-2014)

Michele Yamaguchi Sanches (SEDUC-RO)

Resumo: O município de Pimenta Bueno foi submetido a um intenso processo de ocupação territorial, no período da expansão da fronteira agrícola e abertura de novas frentes de migração. Este estudo abrange dois bairros deste município, que por serem vizinhos possuem características urbanas e socioeconômicas distintas, visando analisar a percepção ambiental dos moradores a fim de diagnosticar o conhecimento da população quanto às vantagens e desvantagens da arborização urbana. O processo de ocupação e o crescimento urbano têm acelerado a diminuição das áreas verdes nas cidades, que acabam limitadas a pequenas praças e parques. No final da década de 90, foram distribuídas para a população deste município, mudas da espécie Ficus benjamina, mas na década seguinte, o Ministério Público liberou o corte de todas as espécies, pois estavam invadindo as redes de tubulação de água e esgoto. O que demonstra que, quando não planejada adequadamente, a arborização urbana pode trazer problemas para a população.

A presença de indígenas na defesa da fronteira oeste no século XIX

Carla Fernanda de Andrade Moraes (SEDUC-RO)
Ana Claudia Martins dos Santos (SEDUC-RO)

Resumo: A província de Mato Grosso corresponde atualmente aos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte sul de Rondônia. Essa província estava localizada numa extensa área fronteiriça com a República do Paraguai e da Bolívia, com as quais mantinha uma relação conturbada devido às tensões geradas pela falta de acordo na questão da demarcação de limites. Nosso objetivo é analisar a presença de indígenas dentro do Exército brasileiro no período que antecede a Guerra do Paraguai, verificando sua contribuição para a defesa do território brasileiro. Analisar como estava organizada a defesa da fronteira oeste; destacar a presença de indígenas dentro do Exército e sua contribuição para defesa do território brasileiro. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico e utilizamos o acervo de documentação pública do Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), especificamente, nas Latas e nos Livros de Correspondências. Podemos considerar que, embora em número reduzido, o Exército contou com a presença de indígenas em suas fileiras, tendo sido mais numerosa durante a Guerra do Paraguai. Os motivos do alistamento de indígenas eram variados, sendo que essa aliança com diretamente na defesa da fronteira.